

FSP
31/6/97 5-3
24

AGROTÓXICOS Em 1996, 36 pessoas foram internadas, a maioria, menor de 18 anos; trabalho infantil é comum na lavoura

Apiai tem índice recorde de intoxicação



Trabalhador aplica agrotóxico na lavoura de tomate sem utilizar equipamento de proteção, cena comum na região de Apiá, no Vale do Ribeira

Fotos Felipe Miura/Folha Imagem

JOSÉ ALBERTO GONÇALVES
free-lance para a Folha

A utilização de agrotóxicos nas lavouras de tomate está provocando intoxicação elevada entre trabalhadores rurais de Apiá, no Vale do Ribeira.

Levando em conta apenas o número de internados no Sociedade Beneficente de Apiá (hospital local) nos últimos três anos, os casos superam de longe os indicadores de incidência de doenças com notificação compulsória, como meningite, tuberculose e Hanseníase.

Segundo apurou a Folha, em 96, 36 pessoas foram internadas, sendo quase um terço do total (11 casos) menor de 18 anos, cuja exposição a agrotóxicos provocou intoxicação aguda.

O Centro de Saúde de Apiá, atualmente sob responsabilidade da prefeitura, não notifica casos de intoxicação desde 1994.

A notificação é fundamental para que a Secretaria Estadual de Saúde e o Ministério da Saúde acompanhem a evolução das doenças e programem ações preventivas.

Numa cidade com 27 mil habitantes, as 36 internações representam uma incidência de 133 por 100 mil habitantes, dado alarmante.

Esse número não inclui as pessoas intoxicadas que foram atendidas e dispensadas sem internação.

Das moléstias de notificação compulsória, a que mais se aproxima das intoxicações em 96 foi a de



acidentes com animais peçonhentos, com 15 casos notificados.

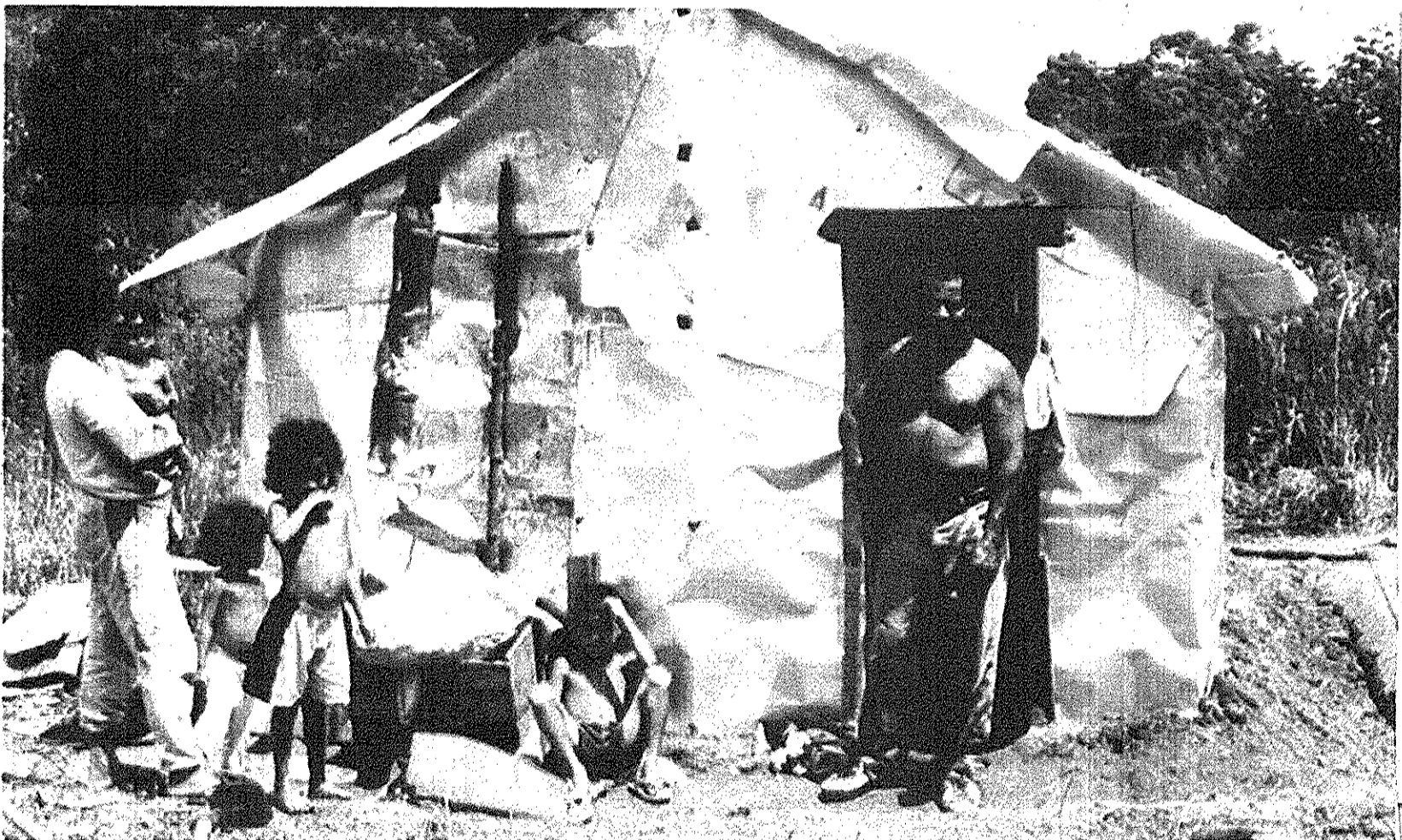
Uma consulta aos arquivos do hospital de Apiá revela que em 94, as intoxicações agudas, motivadas por exposição aos agrotóxicos, somaram 59 internações (218 casos por 100 mil habitantes). Naquele ano, novamente as intoxicações lideraram o ranking de endemias com larga folga.

Além das intoxicações, há vários casos de acidentes envolvendo crianças e adolescentes durante o plantio e colheita de tomate. O trabalho infantil é comum na região.

A médica Mavilda Climeck, diretora do hospital de Apiá, diz que algumas crianças têm se acidentado ao puxar do trator à lavoura as mangueiras para aplicação de veneno.

Há dois anos, três meninos, com idade entre 8 e 10 anos, tiveram um de seus braços decepados.

Há pouco mais de um ano, um menino de 9 anos teve os braços decepados, morrendo de choque hemorrágico.



CASA "LONGA VIDA" Durante a época da colheita de tomate no Vale do Ribeira, várias cidades da região, como Apiá, recebem centenas de famílias de trabalhadores rurais de outras áreas do Estado de São Paulo, que montam barracos próximos às lavouras (foto), utilizando, como matéria-prima, caixinhas de leite e de sucos do tipo longa vida. Nesses barracos, as famílias dormem e cozinham no período da safra

"A barriga fica toda embolada"

free-lance para a Folha

Jurandir Rodrigues Wernek, 18, se intoxicou após usar um inseticida do grupo dos carbamatos no final de 96. O sintoma mais forte foi uma dor de barriga.

"É como se minha barriga estivesse toda embolada", diz.

Ele começou a ter contato com agrotóxicos aos 8 anos, quando começou a trabalhar na lavoura de tomate, puxando as mangueiras que pulverizam o veneno. Aos 12, passou a aplicar inseticidas sem usar equipamento de proteção.

Otília Alves Rocha, 41, conta que manuseia agrotóxicos desde os 9 anos. Ela diz nunca ter utilizado equipamentos de proteção. Nos últimos três anos, começou a sentir tontura, fraqueza e enjôo.

"É comum aplicarem veneno perto de mim", diz Otília, que afirma apenas preparar o agrotóxico, também sem proteção.

Vítimas sentem dores e náusea

free-lance para a Folha

No final do ano passado, dia 21 de dezembro, Darci de Pontes Maciel, 46, chegou ao hospital de Apiá sentindo náusea, fraqueza nas pernas e dores nos braços. Ele havia aplicado Furadan na lavoura de tomate.

Seu filho, Célio Roberto de Pontes, 16, havia sido internado quatro dias antes, pois ficou tonto e vomitou após aplicar agrotóxicos.

Tarsília de Lima, 49, diz que nunca aplicou inseticidas na lavoura. Entretanto, foi intoxicada pelos agrotóxicos que são aplicados enquanto trabalhava na plantação.

Ela passou a apresentar um quadro de intoxicação crônica nos últimos três anos, que a tem levado ao hospital frequentemente. Entre os sintomas, Tarsília sente dor no estômago, dor de cabeça forte, falta de apetite, tremedeira e tontura.

FAO alerta para uso excessivo

da Reportagem Local

A tecnologia utilizada para aplicação de agrotóxicos na maioria dos países em desenvolvimento é baseada em normas técnicas já ultrapassadas (de 40 anos atrás), o que provoca desperdício e contaminação do meio ambiente.

O alerta é da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) em documento divulgado na semana passada em Roma.

Segundo os técnicos da FAO, os agricultores que manejam os equipamentos de pulverização não têm conhecimentos suficientes sobre os pesticidas e da forma correta de sua aplicação.

"Em muitos países, os técnicos que assessoram os agricultores so-

bre a tecnologia de aplicação são representantes das indústrias que produzem os pesticidas. Os agricultores acabam acreditando que é mais eficaz utilizar grandes volumes de agrotóxicos nas lavouras", diz Theodor Friedrich, especialista da FAO.

O documento cita o Brasil como um dos países que exageram no volume de agrotóxicos. "No Brasil se aplica até 10 mil litros de pesticidas por hectare na horticultura."

A utilização exagerada de agrotóxicos, segundo a FAO, provoca a contaminação do solo e da água.

"Para combater com eficiência as pragas, é mais que suficiente utilizar menos de 10% desse volume", acrescenta o documento.

As vendas de agrotóxicos no Brasil em 96 somaram US\$ 1,7 bilhão.